

## EXPERIÊNCIAS DE DIFERENÇA E DESIGUALDADE RACIAL POR CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DO RECIFE<sup>1</sup>

Keise Barbosa da Silva<sup>2</sup>  
Jaileila de Araújo Menezes<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho buscou compreender como as designações de diferença e desigualdade racial aparecem no contexto escolar. Utilizamos como aporte teórico a perspectiva das teorias sociológicas da reprodução interpretativa, que traz a criança como construtora de cultura e não apenas reprodutora dela. E a discussão racial no ambiente escolar, sabendo que o processo de construção da identidade negra está imbricado no processo de trajetória escolar dos sujeitos, na maioria das vezes, reforçando estereótipos e apresentando uma representação negativa do ser negro/a, entendemos que a construção de uma identidade positiva e da valorização da cultura negra também podem fazer parte do currículo escolar e mais do que isso dos discursos vivenciados na escola. Sendo essa pesquisa de natureza qualitativa, em que se utilizou como suporte investigativo o estudo de caso e como procedimentos metodológicos para responder o problema dessa pesquisa, a observação participante e a elaboração de cenas interativas em uma sala - Grupo 4 - de um Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI da Rede Municipal do Recife. A presente pesquisa revelou que as crianças desse grupo já utilizam diferenciações raciais, apresentam estereótipos e preconceitos em relação às bonecas negras e as bonecas de cabelos crespos (*black*) e criam concepções do que é belo baseado na ideia de branquitude.

**Palavras-chave:** Raça, Infância, Diferença, Desigualdade.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute infância(s) e questões raciais, sendo essas duas temáticas importantes de serem articuladas, para ampliar o diálogo sobre os processos de construção da identidade negra na infância, bem como analisar como as crianças se utilizam de designações de desigualdade e diferença racial entre seus pares.

Esse artigo apresenta algumas discussões que realizei no meu trabalho de conclusão do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. Também parte do meu lugar

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado para conclusão do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Fundação Joaquim Nabuco, [keise.barbosa.silva@gmail.com](mailto:keise.barbosa.silva@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora Orientadora: Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora associada da Universidade Federal de Pernambuco, vinculada ao Departamento de Psicologia e Orientações Educacionais do Centro de Educação e ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, [jaileila.araujo@gmail.com](mailto:jaileila.araujo@gmail.com).

enquanto pedagoga e do processo formativo que tive no início da graduação, com o grupo de Pesquisa sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas – GEPCOL, através da bolsa de iniciação científica. Nesse grupo, pude discutir diversas temáticas relacionadas à pesquisa da professora orientadora desse trabalho, como a discussão de sexualidade, gênero, direitos sexuais, direitos reprodutivos, juventude, desenvolvimento/crescimento econômico e raça.

A partir do meu processo identitário de afirmação e das leituras sobre raça e do trabalho/pesquisa que desenvolvi na iniciação científica, percebi que esse processo também é vivenciado por outros/as jovens e que na maioria das vezes é difícil encontrar espaços que possibilitem a construção dessa identidade negra de forma positiva. Por isso, minha inquietude em discutir a temática racial a partir da infância, pensando que esse seria um momento biográfico fundamental para se fortalecer e possibilitar uma construção identitária positiva sobre ser negro/a.

Este trabalho tem por objetivo geral compreender como as designações de diferença e desigualdade racial aparecem no contexto escolar da Educação Infantil. E especificamente buscou (1) Analisar situações de interação social no contexto escolar em que as crianças expressem noções de diferença e desigualdade racial e (2) Mapear situações do contexto escolar nas quais as crianças manifestam designações de diferença e desigualdade racial.

Sendo essa pesquisa de natureza qualitativa, em que se utilizou como suporte investigativo o estudo de caso e como procedimentos metodológicos para responder o problema dessa pesquisa, a observação participante e a elaboração de cenas interativas em uma sala - Grupo 4 - de um Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI da Rede Municipal do Recife. A presente pesquisa revelou que as crianças desse grupo já utilizam diferenciações raciais, apresentam estereótipos e preconceitos em relação às bonecas negras e as bonecas de cabelos crespos (*black*) e criam concepções do que é belo baseado na ideia de branquitude.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que responde a questões muito particulares, ou seja, um nível de realidade que não pode ser quantificado. A pesquisa qualitativa se propõe a trabalhar com “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, sendo esse conjunto de fenômenos humanos entendido como parte da realidade social”. (MINAYO, 2012, p. 21).

Os sujeitos da pesquisa foram crianças de quatro anos de um Centro Municipal de

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

Educação Infantil - CMEI da Rede Municipal do Recife, localizado na RPA 4 (Região Político Administrativa). Utilizamos como procedimentos metodológicos para responder o problema dessa pesquisa, a observação participante em uma sala (grupo 4), do referido centro, no período de um mês.

Também utilizamos como suporte investigativo, o estudo de caso que nos permitiu investigar o que esse grupo tem de único e particular, ou seja, como as crianças desse CMEI utilizam as designações de desigualdade e diferença racial e como essas designações terão um sentido e um valor particular nesse contexto de interação.

Pretendíamos, através das observações, estar atentos aos elementos novos que surgiram dentro desse estudo de caso e também retratar uma realidade de forma a entender a multiplicidade de significados atribuídos pelas crianças diante de determinadas situações. Também estávamos interessados em captar a polifonia do espaço estudado, compreender os diversos dados coletados nesse CMEI para além do grupo 4, analisando as diversas situações em que as crianças interagem com os outros espaços da creche e com as outras vozes presentes nesse ambiente (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

A observação participante é definida, segundo Minayo (2012), como um processo pelo qual o pesquisador se propõe a analisar uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. Nesse caminho, o observador se coloca em observação direta com os sujeitos e no espaço social da pesquisa, no caso desse trabalho no CMEI, no intuito de participar da vida social deles, no seu cenário cultural, com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da investigação (MINAYO, 2012).

Elaboramos cenas interativas, que foram as atividades que nos ajudaram a coletar os dados necessários para a observação: O desenho, Brincando com bonecas negras e brancas, A história – Contação do livro: O mundo começa na cabeça, da autora Prisca Agustoni (2011);

Esses instrumentos são importantes para compreender quais são as caracterizações que as crianças dão sobre desigualdade e diferença racial, porque a partir das brincadeiras, histórias, entre outras, que as crianças constituem um espaço de prazer, autonomia, ludicidade e expressão, pois é através desses espaços que conseguimos propor conversas, situações, para que possamos trazer as falas das crianças (FRANCISCHINI e CAMPOS, 2008).

Para análise dos dados coletados, utilizamos a análise de conteúdo, proposta por Bardin. Estamos partindo da ideia de que esse tipo de análise privilegia as formas de comunicação oral e escrita e, por isso, serve como uma ferramenta metodológica para compreendermos a construção do significado que os sujeitos, no caso de nossa pesquisa, as crianças irão trazer em seus discursos (SILVA *et al.*, 2005).

## DESENVOLVIMENTO

A partir das discussões de raça e infância é que se insere a problemática dessa pesquisa, quando buscamos compreender em quais situações do cotidiano escolar as crianças utilizam designações de diferença e desigualdade racial.

Estamos nos propondo, nessa investigação, discutir como as crianças pequenas<sup>4</sup> tratam da questão da diferença e desigualdade racial, a partir da perspectiva delas. Sabe-se que existem vários trabalhos que discutem infância e pretendem compreender o comportamento infantil, contudo sempre na perspectiva do adulto, estão ausentes as vozes das crianças falando sobre elas mesmas e sobre as mais diversas temáticas que estão presentes em nossa sociedade.

Sendo assim, estamos tratando infância(s) no plural, porque entendemos que a significação desse momento biográfico ocorre em interação com as condições de possibilidades de cada contexto sociocultural e, por isso, não pode ser entendido no singular, pois acreditamos existir múltiplas infâncias e múltiplos modos de ser criança, a depender da região onde ela viva.

Partimos da concepção de que as crianças têm o que dizer, estamos nos propondo a ouvir as crianças, sendo um desejo nosso conhecer o ponto de vista delas. Sendo assim, ancorando-nos na perspectiva das teorias sociológicas da *Reprodução interpretativa*, que traz a criança como construtora de cultura e não apenas reprodutora dela, onde segundo Corsaro (2002) [...] “As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para reproduzir a sua própria cultura de pares”. (p. 114)

A partir dessa concepção de infância que estamos defendendo, notamos que muitas pesquisas que se propõem a investigar o universo infantil estão pautadas no ponto de vista de silenciar as vozes das crianças. Segundo Campos (2008), a criança sempre esteve presente nas pesquisas científicas, porém “[...] na condição de ser observado, medido, descrito, analisado e interpretado” (p. 35), sendo então necessárias pesquisas que busquem uma mudança na abordagem, a fim de dar voz às crianças e adaptar a pesquisa para possibilitar captar essa voz, que já foi (e ainda é) muito silenciada.

A discussão racial e a vivência de atitudes preconceituosas e racistas podem se dar até mesmo entre as crianças, pois elas estão imersas em contextos onde os processos de

---

<sup>4</sup> Estamos chamando de crianças pequenas aquelas que se inserem na faixa etária de 0 a 5 anos de idade.

racialização perpassam as relações cotidianas, o que repercute nas formas como as crianças (re)significam suas vivências raciais. Por isso, compreendemos a importância de se construir, desde cedo, um ambiente em que seja possível discutir sobre identidade negra com crianças, a partir de um viés positivo e não mais de negação da cultura negra.

Não estamos nos propondo, nestes apontamentos, discutir/analisar práticas pedagógicas, todavia consideramos necessário falar sobre a importância/influência do processo de escolarização, para as construções sociais e culturais das crianças, posto que, diversos autores já evidenciaram o impacto da cultura escolar no processo de construção das identidades sociais. Entendemos que a escola<sup>5</sup> é um ambiente que está perpassado não apenas por conteúdos/saberes curriculares, mas é também um espaço que carrega crenças, valores e preconceitos.

Segundo Gomes (2002), o processo de construção da identidade negra está imbricado no processo de trajetória escolar dos sujeitos, na maioria das vezes, reforçando estereótipos e apresentando uma representação negativa do ser negro/a. A construção de uma identidade positiva e da valorização da cultura negra também podem fazer parte do currículo escolar e mais do que isso dos discursos vivenciados na escola, tão significativos quanto os conteúdos abordados na sala de aula.

Com isso, queremos afirmar que, para além de um currículo que se preocupe em trazer as questões raciais para dentro da escola, nessa perspectiva já apresentada de afirmação e valorização, é também importante que os ditos e não ditos dentro de todo ambiente escolar sejam resvalado por essa construção positiva da identidade negra.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### Caracterização do Grupo 4

O grupo 4 (G4) tem vinte e quatro crianças matriculadas que frequentam o CMEI regularmente. No período em que foi realizada a coleta de dados, a sala do G4 tinha em média entre 16 e 20 crianças, pois alguns pais buscavam as crianças após o almoço. O grupo era bastante falante e participativo, com a minha chegada à turma para as observações, as crianças foram receptivas e não transpareceram se incomodar com minha presença. Algumas crianças se aproximaram de mim para conversar, para me abraçar, para pedir ajuda quando precisavam colocar a roupa, por exemplo, e até para participar de algumas brincadeiras. Outras crianças

---

<sup>5</sup> Quando falamos em escola estamos nos referindo também às creches e pré-escolas, que se caracterizam como espaços formais de ensino.



apenas me observavam, mas não se aproximaram muito até o último dia em que eu estava no CMEI.

Situações em que as crianças expressam noções de diferença e desigualdade racial:

- Identificação Racial do Outro

A partir da primeira cena interativa - atividade de desenho -, no momento que as crianças foram convidadas a se desenharem, a partir de suas características físicas e raciais, percebemos como os discursos das crianças estão perpassados por influência dos estereótipos da mídia e desenhos infantis, pois no processo de escolha dos nomes para serem utilizados na pesquisa, as crianças, majoritariamente, escolheram nomes de personagens de desenhos infantis, entre eles, os heróis, heroínas e princesas da Disney<sup>6</sup>.

Nesse primeiro momento, também é notório como as crianças já conseguem expressar noções de diferença e desigualdade racial. Na primeira atividade, antes de se desenharem, as crianças foram convidadas a se olharem no espelho e responderam perguntas sobre a cor da sua pele. As crianças já manifestaram essa diferenciação entre a cor de pele dos seus pares e da própria pesquisadora. Como no caso da criança que se denominou Princesa (4 anos, preta). Quando perguntado se a cor dela é parecida com a minha, ela diz que não, pois a minha cor é marrom e a dela é preta, ela faz essa diferenciação com base na tonalidade da nossa cor de pele, que são diferentes.

Outra criança faz a correspondência da minha cor com a cor das bonecas, como nesse momento:

Entrevistadora: É como? A pele dela? (Boneca)

Rapunzel 2 (4 anos, branca): a pele dela é igual a sua

Entrevistadora: igual a minha?! E qual a cor da minha pele?

Rapunzel 2 (4 anos, branca): marrom

Essa nomeação racial do outro também apareceu durante as observações, quando uma das crianças Mulher Maravilha (4 anos, branca) estava me apresentado aos colegas. Ela sentou perto de mim e me apresentou Princesa (4 anos, preta). “Essa é Princesa ela tem uma calça de bailarina”. Pergunto quem é Princesa porque não tinha notado para qual criança ela estava apontando e ela, novamente, aponta para Princesa e diz: “Essa pretinha, moreninha”.

- Autoidentificação

---

<sup>6</sup> Todos os nomes fictícios foram escolhidos pelas crianças, as que não quiseram escolher um nome fictício, foram utilizados as siglas iniciais de seus nomes. A classificação racial das crianças também foi realizada por elas, ou seja, as crianças tiveram espaços num determinado momento da pesquisa para autodeclararem sua cor.

Algumas crianças, quando solicitadas a escolherem qual boneca gostariam de brincar ou que acharam mais bonitas, já relacionam a escolha da boneca a sua cor de pele. Como é o caso da criança que se denominou Mulher Maravilha (4 anos, branca).

Entrevistadora: Mulher Maravilha qual a que tu gostaria de brincar?

Mulher Maravilha (4 anos, branca): gostei dessa

Entrevistadora: dessa? Como é essa boneca?

Mulher Maravilha (4 anos, branca): Ela é branquinha como eu e tem o cabelo, e tem o cabelo dourado.

- Preferências Raciais

Na segunda cena interativa – atividade: brincando com bonecas negras e brancas – as crianças são convidadas a brincar com as bonecas respondendo a algumas perguntas. Nessa atividade, a nomeação e as preferências raciais das crianças ficam mais explícitas.

Notamos uma facilidade de algumas crianças em nomear características raciais quando, por exemplo, era solicitado para as crianças descreverem as bonecas que elas mais gostaram, as que acharam bonitas ou as que acharam feias. As escolhas das crianças para brincar com as bonecas eram, na maioria das vezes, relacionada à cor da pele. As crianças, majoritariamente, achavam mais bonitas e tinham preferências em brincar com as bonecas brancas.

Entrevistadora: Bárbara escolheu quais bonecas? Como são essas bonecas que tu escolheu Bárbara?

Bárbara (4 anos, branca): hummm brancas

Entrevistadora: Como é essa boneca? Diz aí pra mim

Homem Aranha (5 anos, branco): é branca

Entrevistadora: como é essa boneca que tu escolheu?

Elza (4 anos, branca): branca

Quando era solicitado que as crianças escolhessem qual a boneca elas acharam mais inteligente, todas disseram que era a boneca que elas gostariam de brincar ou que acharam mais bonitas. As crianças, de modo geral, atribuem significado positivo apenas a uma boneca. Porém, houve uma criança, Arine (4 anos, bege/branca) que fez essa diferenciação entre as inteligências das bonecas com base na cor, reforçando a ideia da cor branca como mais capaz do que a cor negra. Segue a situação:

Entrevistadora: Dessas duas aqui que Arine gostou que só (boneca negra e branca de cabelos lisos) Quê que tu acha, qual a mais inteligente?

Arine (4 anos, bege/branca): Essa daqui (boneca branca) ela tem muitas ideias na cabeça e essa daqui (boneca negra) só tem planos.

A partir dos dados acima apresentados, podemos concluir que as crianças já se autoidentificam e identificam o outro em relação à cor, porém não foram em todas as situações que as crianças conseguiram expressar noções de diferença e desigualdade racial.

### Situações em que as crianças manifestam designação de diferença e desigualdade racial

- Exclusão

Em alguns momentos, o cabelo, mas do que a cor de pele, foi um fator determinante para a escolha das bonecas e para atribuir o que é belo e o que não é. Assim, podemos perceber como, principalmente a partir do cabelo, as crianças manifestam designações de diferença e desigualdade racial e criam processos de exclusão com base em uma característica racial.

Entrevistadora: Bárbara qual é a mais feia?

Bárbara (4 anos, branca): Essa é mais feia porque eu não gosto desse cabelo (a apontando para a boneca de cabelo *black*)

Entrevistadora: [...] dessas duas?! Por que tu não gostaria dessas duas?

Arine (4 anos, bege/branca): porque tem o cabelo muito cacheado, eu não gosto de cabelo cacheado! (nesse momento ela olha pra mim e faz uma pausa), mas eu gosto de seu cabelo (apontando para o meu cabelo)

Quando perguntado as crianças qual a boneca mais bonita, algumas conseguiram nomear as bonecas pretas de cabelo liso e ondulado como mais bonita, junto com a branca do mesmo cabelo, porém as bonecas de cabelo *black* tanto negra como branca não foram encaixadas no perfil de mais bonita, exceto pela criança denominada SG (4 anos, branca) que disse que todas as bonecas eram bonitas e nenhuma das bonecas eram feias.

Quando questionadas por que as bonecas de cabelo *black* (branca e negra) eram feias, a resposta na maioria das vezes era relacionada ao cabelo das bonecas.

Entrevistadora: Por que tu não gostaria de brincar com essa? Como é essa boneca?

Elza (4 anos, branca): branca

Entrevistadora: e o que mais?

Elza (4 anos, branca): e o cabelo preto (Boneca branca de cabelo *black*)

Entrevistadora: porque tu não gosta dela? O que é que tem nela que tu não gosta?

Elza (4 anos, branca): o cabelo dela [...] porque eu não gosto de cabelo assim.

A criança Elza mesmo sendo questionada mais de uma vez do por que não gostava do cabelo da boneca, não consegue explicar bem o seu motivo. Mas algumas crianças são bem enfáticas e falam do por que não gostam do cabelo da boneca, como nesse caso:

Marina (4 anos, branca): elas são cabelos muito feio

Entrevistadora: como é o cabelo delas? Por que esses cabelos delas é feio?

Marina (4 anos, branca): porque ele é pra cima assim e todo desajeitado[...] e ela não penteia o cabelo



- Embranquecimento

O cabelo se configurou como um elemento importante de designação de diferença e desigualdade racial para esse grupo. Na terceira cena interacional – atividade: Contação do livro “O mundo começa na cabeça” – as crianças foram apresentadas as imagens do livro e convidadas a trazerem narrativas para a história. No início da atividade, o cabelo da personagem do livro é logo nomeado por D\* (4 anos, branco) como assanhado.

No decorrer da narrativa, inicia-se uma discussão de quem pode ser princesa ou não. Bárbara (4anos, branca) pega a imagem de uma casa e diz:

Bárbara (4 anos, branca): quem vai morar na casa é a princesa

Entrevistadora: Maria (nome que as crianças deram a personagem do livro) pode morar na casa?

Bárbara (4 anos, branca): só se ela for uma princesa

Entrevistadora: mas ela não pode ser uma princesa não?

Rapunzel 1 (4 anos, branca): mas ela vai pentear o cabelo

Entrevistadora: mas o cabelo dela não tá bom assim não?

Rapunzel 1 (4 anos, branca): O cabelo dela tem que ficar igual o meu

Entrevistadora: e como é o teu cabelo?

Rapunzel 1 (4 anos, branca): meu cabelo é liso e ondulado

Entrevistadora: e pra ser princesa só pode ter o cabelo liso e ondulado é?

Rapunzel 1 (4 anos, branca): é!

Nesse momento se instaurou um conflito com mais duas meninas da sala que dizem que princesa pode sim ter cabelos cacheados, Arine (4 anos, bege/branca) diz que tem princesas de cabelos cacheados e Mulher Maravilha (4 anos, branca) diz que Aurora e Moama (princesas da Disney) tem cabelos cacheados, porém Rapunzel 1(4 anos, branca) continua afirmando que princesas devem ter cabelos lisos ou ondulados. Rapunzel 1(4 anos, branca), reafirma isso na atividade com o espelho e os pentes (nessa atividade, as crianças foram convidadas a pentear seus cabelos olhando para um espelho).

Entrevistadora: O cabelo cacheado de Maria não pode ser de princesa não?

Rapunzel 1 (4 anos, branca): não

Entrevistadora: por que o cabelo cacheado não pode ser de princesa?

Rapunzel 1 (4 anos, branca): porque a princesa tem que ser bonita

Entrevistadora: mas quem tem cabelo cacheado não é bonita não?

Rapunzel 1 (4 anos, branca): não

Entrevistadora: por quê?

Rapunzel 1 (4 anos, branca): porque não é

Entrevistadora: e por que ela não pode ser a princesa?

Rapunzel 1 (4 anos, branca): porque princesa tem cabelo liso.

Para Ladybug (4 anos, branca), a personagem Maria também não pode ser princesa:

Entrevistadora: Como é o cabelo de Maria na história?

Ladybug (4 anos, branca): duro

Entrevistadora: Por que é duro?

Ladybug (4 anos, branca): porque ele é assanhado.

[...]

Entrevistadora: Será que Maria pode ser uma princesa?

Ladybug (4 anos, branca): pode... Pode não

Entrevistadora: Por quê?

Ladybug (4 anos, branca): Porque ela tem cabelo muito duro e ela não tem cabelo liso é por isso que ela não é uma princesa, ela é uma bruxa... ela tem que ser uma bruxa

Entrevistadora: Ela tem que ser uma bruxa? E quem pode ser princesa?

Ladybug (4 anos, branca): Uma menina que teja com o cabelo bem liso.

O cabelo de fato se configura como um elemento importante para afirmação da negritude, muito mais do que a cor da pele, como vemos nos dados acima apresentados. Hooks (2005) em seu texto *alisando nossos cabelos*, nos mostra uma dimensão política de não alisar os cabelos, pois de fato o cabelo crespo historicamente é mal aceito pela sociedade, muito pautado na ideia de branqueamento e essa ideia vai transpassar também o imaginário das crianças.

A discussão que se faz nesse trabalho, é de como esse cabelo “bagunçado”, “assanhado”, “duro”, “feio” e “desajeito” do qual as crianças falam nada mais é do cabelo que a sociedade não aceita ou não costumava aceitar e isso reflete em como os cabelos das princesas, das heroínas são representados para as crianças.

Nesse sentido, percebemos como a ideia de branqueamento surge nos discursos das crianças, quando elas demonstram a ideia de uma adequação do padrão de beleza branco em oposição às características raciais negras. Na pesquisa de Mendes (2016) sobre a construção da identidade racial de um grupo de crianças da educação infantil da rede municipal do Recife, a autora apresenta dados em que reforça os achados da nossa pesquisa, em que houve uma inclinação por parte das crianças, pelas características raciais brancas e uma atribuição às características negras como feias.

Assim como na pesquisa da autora supracitada, nos nossos dados, a partir da atividade realizada de contação da história, as crianças buscam mudar o cabelo da personagem que carrega o traço de uma das características raciais negra, para alcançar o padrão estético “adequado”. Para algumas crianças, a protagonista Maria precisa alisar/ “dar” um jeito no seu cabelo. Ou seja, a personagem precisa se encaixar em um padrão branco (embranquecer) para alcançar a posição de princesa e de bela. Nesse sentido, Mendes (2016) afirma que “É nas vivências cotidianas que as crianças constroem sua identidade e que o modelo branco como apropriado é valorizado e introjetado como um padrão ideal, permeando, desde a infância, a subjetividade do indivíduo”. (p.118)

A partir das falas das crianças, podemos perceber como elas expressam e manifestam designações de diferença e desigualdade racial. Durante as observações, não houve nenhum episódio de xingamento de cunho racial entre as crianças. Nesse sentido, não foi percebido,

nesse grupo de crianças, a ocorrência de discriminação racial, nem por parte das crianças nem pelos/as educadores/as. Porém, percebemos como em seus discursos as crianças já utilizam diferenciações raciais e apresentam estereótipos e preconceitos em relação às bonecas negras e as bonecas de cabelos crespos (*black*).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, buscamos desenvolver uma escuta atenta sobre o que as crianças têm a dizer sobre suas experiências de diferença e desigualdade racial. Para isso, foi necessário estar com as crianças nas diversas situações e atividades desenvolvidas pelo CMEI. O uso das cenas interativas (atividades desenvolvidas no decorrer da coleta de dados) possibilitou um “dar voz” as experiências e sentimentos das crianças com relação à temática racial.

Com os resultados, compreendemos que as crianças desse grupo criam concepções do que é belo baseado na ideia de branquitude. A influência da mídia ainda é grande sobre essas construções, apesar da escola discutir em alguns momentos sobre questões raciais, as crianças ainda criam noções negativas sobre ser negro/a.

As características físicas valorizadas pelas crianças foram relacionadas a uma estética branca, como o cabelo. O cabelo crespo (*black*) esteve muito associado a noção de feio, desajeitado, bagunçado, que precisa ser penteado. A partir das preferências apresentadas pelas crianças, vemos um indicio de uma valorização da identidade racial branca em detrimento da negra.

Reafirmamos a relevância do trabalho pedagógico, que busque a escolha de brinquedos que suscitem aspectos positivos para o imaginário infantil. Mendes (2016) ressalta a importância de brinquedos que relacionem aspectos positivos como, por exemplo, ser princesa e apresentar características negras, para que se crie de fato a partir da brincadeira, do lúdico, espaços onde se construam noções do que é belo numa perspectiva de valorização do corpo negro e onde a prática pedagógica se pautar na perspectiva da alteridade para com as diferenças.

Partimos da ideia de que a escola – o contexto escolar – é um espaço formador para a construção positiva ou negativa da identidade negra e também um ambiente de aprendizado sobre as diferenças. A partir dos dados apresentados, corroboramos com a ideia de Mendes (2016), pois compreendemos:

A importância das instituições de educação infantil, que são espaços em que as crianças convivem com os mais diferentes grupos humanos e são apresentadas ao

mundo social mais amplo, para a realização de um trabalho voltado para Educação para as Relações étnico-raciais e assim a promoção de uma educação antirracista, que favoreça a construção positiva de uma identidade racial negra. (MENDES, 2016, p. 139)

## REFERÊNCIAS

AGUSTONI, Prisca. **O mundo começa na cabeça**. São Paulo: Paulinas, 2011. (coleção árvore falante)

CAMPOS, Maria Malta. “Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica”. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org). **A Criança Fala: a escuta de crianças em Pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

CORSARO, William A. **A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças**. Educação, Sociedade e Cultura. Nº17, 2002, 113-134.

FRACISCHINI, R.; CAMPOS, H. R. “Crianças e infâncias, sujeitos de investigação: bases teórico-metodológicas”. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org). **A Criança Fala: a escuta de crianças em Pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, copo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação. Nº 21, 2002.

HOOKS, Bell. **Alisando nossos cabelos**. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em 08 de ago. 2019.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Cap. 2.

MENDES, Marília Silva. **A identidade racial a partir de um grupo de crianças da educação infantil na rede municipal do Recife**. Orientadora: Pómpeia Villachan Lira. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) – Universidade Federal Rural de Pernambuco / Fundação Joaquim Nabuco. Departamento de Educação da UFRPE, Recife, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência e Cientificidade**. In: DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 32. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, Ana Adalgisa. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método**. Organizações Rurais & Agroindustriais, vol. 7, núm. 1, 2005, p. 70-8. Universidade Federal de Lavras-Minas Gerais, Brasil.